

Benjamin
Blech

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?



E-book
Vol. 3



Conteúdo extraído do livro:

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

Rabino Benjamin Blech
Editora e Livraria Sêfer

2006

Copyright © 2003 by Benjamin Blech

Direitos reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 3826-1366 sefer@sefer.com.br www.sefer.com.br



PARTE 2

POR QUE MORREMOS?

CAPÍTULO 5 **O PREÇO DO PARAÍSO**

Morte. Esta palavra tornou-se conhecida por causar medo nos corações dos seres humanos.


A maioria de nós compartilha da esperança do Rei David no livro dos Salmos: “Não morrerei! Viverei e hei de relatar os feitos do Eterno.” Concordamos com a bem-humorada sátira de Woody Allen: “Eu não quero alcançar a imortalidade por meio da minha obra; eu quero alcançá-la não morrendo.”

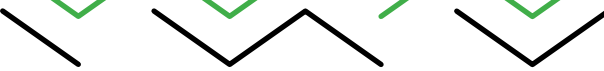
Mas sabemos que isso é impossível. Assim como Josué sentenciou sobre o seu leito de morte, a morte é “o caminho de toda a terra”. Desde o momento do nascimento nós nos aproximamos cada vez mais da morte. De fato, o mesmo Deus que é o Autor da vida é Aquele que decreta o destino universal da morte.

Os judeus rezam pela vida. Nós agradecemos a Deus por nos dar a vida. Começamos cada dia com uma oração que expressa nossa gratidão ao Todo-Poderoso por “devolver nossas almas” de modo que possamos continuar a desfrutar da Terra. E então, cedo ou tarde, Deus leva cada um de nós deste mundo. Se a vida é boa, por que Deus criou a morte? E se a morte é ideal, por que sofrer com a vida?

A fim de solucionar esse paradoxo, nós nos voltaremos mais uma vez para a sabedoria do Talmud.

Alguns debates do Talmud se estendem por muitas páginas, até que chegam a uma decisão final. Isto porque os Sábios concluíram que, nas





épocas posteriores, as pessoas poderiam se alongar ainda mais, sugerir outros argumentos e dizer: "Aposto como você nunca pensou em olhar para isso por este prisma!" Por isso, os Sábios quiseram mostrar que todas as opiniões foram expressas, consideradas e avaliadas, antes de serem rejeitadas.

Mas, neste caso, a decisão final parece ter sido estabelecida de antemão. O Talmud – em contradição com suas regras gerais de argumentação – faz uma tentativa ousada de estabelecer a resposta a essa questão logo no início. Começa com uma declaração dramática em resposta à questão posta pela realidade da morte. Por que pessoas boas morrem? O Talmud diz: "Elas não morrem."

É isso o que encontramos no Tratado *Shabat*.²⁰ "Rav Ami disse: Eu faço a seguinte declaração: não há morte sem pecado, porque assim foi escrito pelo profeta Ezequiel: 'A alma que peca deve morrer.'²¹ Não há sofrimento sem transgressão, pois assim está escrito nos Salmos: 'Eu os golpearei com uma pedra por seus pecados, e com pestilências por suas transgressões.'²²"

Esta é uma declaração muito forte. Rav Ami está dizendo explicitamente que a morte é resultado do pecado. As pessoas morrem somente porque elas não são dignas da vida. Ele parece sugerir que qualquer um que morre deve ter cometido algum crime terrível, punível com a morte.

O PREÇO DO PECADO

Para que essa declaração faça sentido, devemos levar em conta o primeiro pecado e a primeira sentença de morte da história. Como isso aconteceu?

A Bíblia nos conta que os primeiros seres humanos foram criados e estabelecidos em um belo jardim. Havia muitas árvores naquele jardim das quais Adão e Eva podiam desfrutar e cujos frutos podiam consumir. Mas havia duas árvores que tinham um significado especial: uma era a Árvore da Vida; a outra era a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, cujos frutos eles estavam proibidos de comer, senão morreriam. Isto fez com que ela se tornasse a Árvore da Morte.

A natureza humana é tal que se alguém lhe diz: “Veja, você pode ter tudo, menos uma coisa”, esta “uma coisa” se torna objeto de todos os seus desejos. E foi assim, é claro, que as coisas aconteceram ali também.

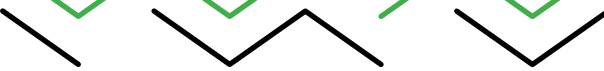
Perceba que, no relato, Deus diz: “De toda árvore do jardim podes comer.” Ele diz claramente: “toda”. É somente da Árvore do Conhecimento que Adão e Eva não podem comer. Essa passagem nos conta, indiretamente, algo muito interessante. Se inicialmente os seres humanos tinham permissão para comer de todas as árvores, inclusive da Árvore da Vida, então isso deve significar que Deus pretendia originalmente que eles vivessem para sempre. Somente quando eles pecaram foi que houve consequências, entre as quais o decreto de que a Árvore da Vida estaria agora fora das fronteiras do Jardim do Éden.

A história nos conta que, se Adão e Eva não tivessem pecado, nem eles nem o mundo teriam conhecido a morte. Graças às suas transgressões, todos nós nos tornamos mortais.

Mas eu tenho dificuldade em aceitar essa ideia. Eu posso entender que Adão e Eva tenham sido sujeitados à morte por haverem cometido essa transgressão. Mas o que isso tem a ver com todos os demais seres humanos e seus descendentes? O que isso tem a ver conosco? Por que temos que morrer se a intenção original era que vivêssemos para sempre? Se esse homem e sua esposa pecaram, somente eles deveriam perder os respectivos passaportes para a eternidade. Mas por que Deus também os tirou de todos os demais?

Algumas tradições religiosas respondem a essa questão ensinando que o pecado original é transmitido como uma mancha sobre a alma. Todos nós compartilhamos do pecado do nosso antepassado comum, Adão. Todos nós somos culpados por seu crime.

O judaísmo discorda veementemente disso. Este sustenta inequivocamente que, ao chegar a este mundo, a alma é pura. E esse é o motivo pelo qual, obviamente, Rav Ami estava tão incomodado ao tentar explicar o problema da morte. Se o plano original de Deus – o ideal em termos de relacionamento entre Deus e o ser humano – é a vida eterna, então o único que deveria morrer seria aquele que tivesse feito algo para nunca mais merecer a permissão para comer



da Árvore da Vida. Assim, para Adão, essa permissão estava negada, mas para todos os outros, não haveria proibição a menos que... a menos que o quê?

A única explicação para a morte das gerações futuras, de acordo com Rav Ami, é que cada um de nós, de um modo ou de outro, repete o pecado de Adão ao desobedecer aos mandamentos de Deus.

VIDA SEM CULPA

Mas imagine que exista alguém que jamais cometeu um pecado ao longo de toda a sua vida. Se seguirmos a lógica de Rav Ami, a conclusão é que essa pessoa viverá para sempre!

E, naturalmente, os Sábios do Talmud condenaram imediatamente a posição de Rav Ami. Eles apresentaram um sofisticado conto do *Midrash* no qual os anjos se queixam com Deus de que Moisés e seu irmão Aarão obedeceram a todos os mandamentos e, mesmo assim, morreram.

Em resposta, Rav Ami argumenta que este relato midráshico está baseado numa premissa falsa. Moisés e Aarão não eram inocentes. Ao longo de suas vidas, eles, na verdade, foram contra a vontade do Todo-Poderoso, e é exatamente por isso que tiveram que morrer. No Livro de Números,²³ Deus diz a eles: "Porquanto não crestes em Mim... por isso não trareis esta congregação à terra que lhes dei." Faltou a Moisés e Aarão fé o bastante. Se, todavia, eles não tivessem cometido esse pecado, se eles tivessem sido perfeitos, talvez não tivessem morrido, insiste Rav Ami.

Mas os Sábios do Talmud não se convencem facilmente. Eles citam outro relato do *Midrash*, que afirma que apenas quatro pessoas na história do mundo morreram em consequência das maquinações da serpente (ou seja, como resultado da maldição proferida sobre a humanidade após a serpente seduzir Adão e Eva) e não por suas próprias culpas. Essas quatro pessoas morreram apesar de não terem feito nada para receber a sentença de morte, ou seja, apesar de serem totalmente inocentes: Benjamim, o filho caçula de Jacob; Amram, o pai de Moisés; Jessé, o pai de David; e Kilav, o filho de David.²⁴

A conclusão que podemos tirar das vidas desses quatro parece ser que você *pode* morrer ainda que você seja perfeito, ainda que jamais tenha cometido um pecado. A morte vem tanto para os inocentes quanto para os culpados. Todos morrem.

Esta é, claramente, uma contradição irrefutável à visão de Rav Ami. Mesmo os inocentes devem morrer – os puros e santos não estão alheios ao decreto universal da morte. Adão e Eva trouxeram a mortalidade para o mundo, e agora, este é o legado perpétuo de todos os seus descendentes.

Mas nós não dissemos anteriormente que o judaísmo rejeita a teoria do pecado original, da culpa herdada? Então como lidamos com tudo isso? O profeta Ezequiel não disse: “O filho não levará sobre si a iniquidade do pai, nem o pai levará sobre si a iniquidade do seu filho”²⁵ Onde está a justiça de Deus quando os perfeitos morrem?

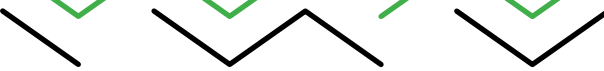
A resposta é profunda em sua própria simplicidade. Em um mundo perfeito, no Jardim do Éden, Adão e Eva deveriam ter vivido para sempre. Mas uma vez que o mundo está corrompido e não há mais um paraíso, graças às pessoas que nele vivem, então todos devem morrer, *especialmente* as pessoas boas: este mundo imperfeito simplesmente não é bom o bastante para as pessoas perfeitas.

As pessoas sem erros devem agora morrer a fim de poderem entrar no Paraíso, o local que chamamos de Céu. Para eles, nas palavras de Sir Walter Scott, “a morte não é o último sono; é o último despertar.” E é por isso que podemos agora ter a morte sem pecado, não como uma punição, mas como uma merecida recompensa.

O ENIGMA DA VIDA

Mas espere um instante: ainda está faltando alguma coisa. Acabamos de concluir que as pessoas boas morrem porque este mundo ruim não é suficientemente bom para elas – os bons merecem um Jardim do Éden e, uma vez que este mundo não é o paraíso, eles não deveriam estar aqui. Mas se





isto for mesmo verdade, então não deveríamos estar perguntando por que as pessoas boas morrem, mas, sim, por que elas vivem? Se elas não pertencem à Terra, por que, afinal, elas estão aqui?

Para compreendermos a resposta, precisamos conhecer outro conceito básico do judaísmo. Diferente de outras religiões, o judaísmo acredita que começamos com uma alma pura e que todo o propósito da vida é mantê-la nessa condição. Infelizmente, todas as pessoas cometem alguma transgressão e mancham a alma que receberam. Por essa razão, quando uma pessoa morre e a alma alcança a próxima dimensão, ela precisa passar por um processo de purificação – em outras palavras, ela precisa ser “lavada a seco” de alguma maneira, a fim de retornar à sua pureza original, livre das manchas nela deixadas por seu dono aqui na Terra.

Mas a questão óbvia é: por que, afinal de contas, preocupar-se com a viagem aqui na Terra? Por que viver, se isso só irá manchar a alma? Se existe um outro mundo e se este proporciona uma existência ideal, por que não pegar a rota do paraíso desde o início? A derradeira questão teológica sobre a vida deve ser: será que esta viagem é realmente necessária?

A resposta é um princípio conhecido em hebraico como *lachmó dekissufa*, que significa literalmente “pão da vergonha”, referente ao pão ganho sem merecimento, um pagamento que vem por piedade ao invés de ser obtido como recompensa por um esforço. Hoje em dia, uma palavra em português com significado semelhante talvez seja “ócio”, quando aplicado às pessoas capacitadas ao trabalho que preferem se manter da “caridade alheia”. Esse é o caminho do parasita, que traz consigo o codinome da vergonha.

Aceitar o ócio sem ao menos tentar trabalhar é enganoso – e isso é verdade tanto para os nossos negócios aqui na Terra quanto aos olhos de Deus.

É verdade: teoricamente você poderia estar no paraíso sem antes trilhar o seu caminho pela vida. Bastaria que Deus, em Sua infinita bondade, lhe desse um bilhete de primeira-classe com todas as despesas pagas para o Céu, sem questionamentos. Mas então você perceberia que recebeu um presente totalmente imerecido.

O judaísmo não vê com bons olhos o conceito de uma pessoa desocupada. O judaísmo diz que devemos alcançar o Céu à moda antiga – precisamos conquistá-lo. Para os judeus, a única maneira pela qual a recompensa da existência ideal faz sentido é se a pessoa trabalha por isso. Em contrapartida, o ócio diminui o próprio valor do recipiente dessa alma.

Então é assim que o quadro inteiro faz sentido. Você vem para a Terra com uma alma pura. Sua missão é fazer tudo o que estiver ao seu alcance para manter essa pureza. Desse modo você terá orgulho de saber que *conquistou* o seu lugar no Céu.

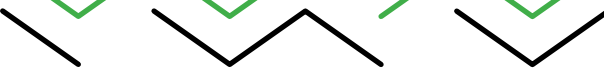
Conta-se uma história inspiradora a respeito do reverenciado rabino Eliáhu, o *Gaon* de Vilna, do século 18, que foi encontrado chorando amargamente sobre o seu leito de morte. Seus discípulos não conseguiam entender. Eles o conheciam como uma pessoa inteiramente justa que, com toda certeza, iria diretamente para o Céu. Eles haviam estudado no Talmud: “Melhor uma hora no mundo vindouro do que todos os anos nesta Terra.” Então não conseguiam entender o motivo pelo qual o seu Rebe, o seu reverenciado mestre, estava chorando e parecia relutante em partir. “Por que choras, se deixarás este lugar para ir ao Céu?”, eles perguntaram.

O *Gaon* de Vilna respondeu: “Como posso não chorar ao deixar um mundo onde, com um pouco de esforço, ainda posso cumprir uma *mitsvá*?” Ele quis dizer, é claro, que há uma coisa neste mundo que não há no outro: uma oportunidade infinita de crescimento. No Céu, as coisas são estáticas; tudo já está feito.

Um belo conto chassídico aborda muito bem esse tema:

Um homem muito rico, que fora miserável ao longo de toda a sua vida e nunca fizera qualquer caridade, morre e chega ao mundo vindouro.

Enquanto aguarda na fila, ele ouve as pessoas à sua frente sendo questionadas: “Quanto você doou para a caridade?” Quando chega a sua vez e também lhe fazem a mesma pergunta, ele responde: “Bem, para ser honesto com você, eu não fiz muita caridade, mas meu talão de cheques está bem aqui



comigo. Estou disposto a assinar um cheque de qualquer valor, o quanto você quiser. Sou um homem rico com um patrimônio enorme – nenhuma quantia será problema.”

A resposta vem em seguida: “Eu lamento muito, mas aqui no Céu não aceitamos cheques, apenas recibos.”

Naturalmente, a questão é que, após a morte, não há mais nada que você possa fazer. As suas oportunidades de fazer boas ações estão todas vencidas. E é por isso que o Rebe estava chorando no seu leito de morte.

A vida é boa – inclusive para uma pessoa perfeita que não necessita estar aqui – porque ela nos permite *merecer* a nossa recompensa, o nosso lugar no paraíso.

Mas, enquanto respondemos a esta questão, as demais perguntas ainda permanecem sem resposta. Por que algumas pessoas recebem menos tempo aqui do que outras? Se o tempo na Terra é tão importante, por que ele é distribuído de forma tão desigual?

Há uma série de possibilidades, e cada uma delas representa uma importante categoria do pensamento judaico com respeito à morte. Veremos sete respostas possíveis no capítulo seguinte, e começarei com a resposta dada quando a morte entrou no mundo pela primeira vez. Voltemos a nossa atenção para a história de Caim, quando ele assassina o seu irmão Abel.

CAPÍTULO 6

O ENIGMA DA MORTE

Sim, algumas pessoas morrem por causa dos seus pecados, como vimos no capítulo 5. Mas – e eu enfatizarei isso ao máximo – esta não é, de forma alguma, a razão exclusiva para a morte. Devemos nos lembrar do simples silogismo de que “A pode causar B” é completamente diferente de “b

sempre é causado por a". Então, o fato de todas as pessoas que cometem crimes terríveis serem punidas com a morte, segundo nos conta a Bíblia, não significa que todas as pessoas que morrem cometeram transgressões e estão sendo punidas por isso.

Todos nós conhecemos a identidade da primeira pessoa que morreu sobre a Terra, e sabemos que ela era inocente. O modo como a sua morte aconteceu está registrado na Bíblia, no livro de Gênesis. Ele é o segundo filho de Adão e Eva, Abel, assassinado por seu irmão mais velho, Caim.

Há quatro pessoas na Terra, e de repente uma é eliminada. Será que Deus queria ver Abel morto? Será que Deus queria apenas três pessoas sobre a Terra? Será que o fato de Abel ter morrido significa que foi Deus quem decretou isso?

A resposta é um retumbante *NÃO!*

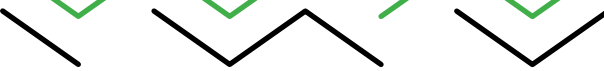
A primeira morte é um crime cometido por um assassino que agiu por seu livre-arbítrio. Isto aconteceu porque Deus não iria impedi-lo; ele poderia, é claro, mas isso significaria – conforme já explicamos – que toda ação sobre a Terra deveria ser sancionada por Deus, o que tornaria o livre-arbítrio do ser humano sem sentido.

Então, embora a primeira morte não devesse ter ocorrido, ela ocorreu. Todavia, Deus é justo; por isso, sabemos que Ele deve igualar a contagem e, de algum modo, promover indenizações.

Mas eis que surge uma questão: como? Como Deus pode indenizar Abel? Afinal de contas, Abel está morto.

Está claro que este não pode ser o final da história. Antes de tentarmos imaginar a sua conclusão, devemos entender o seu início. Então examinemos todos os elementos, um a um.

Em primeiro lugar, devemos assumir que Abel era um homem bom. De fato, a Bíblia deixa isso claro. Deus aceitara a sua oferenda, enquanto rejeitara a do seu irmão. Deus o amava. Então por que ele morreu?



Se alguém lhe perguntar como você pode explicar essa morte, a resposta é: porque Deus não tomou a sua vida – Caim o fez. No capítulo 3, explicamos que há coisas ruins que acontecem nesta Terra que não são resultado direto da vontade de Deus. Elas acontecem porque alguém faz algo errado. E quando essas coisas acontecem, Deus, no final das contas, deve reagir.

Eu conheço uma pessoa cujo pai foi assaltado e assassinado. Ele era um homem piedoso, respeitado, o exemplo de um santo homem. Rezar era a sua paixão; a caridade, o seu prazer; os atos de bondade, o seu dia-a-dia; e o estudo dos textos bíblicos consumia muitas das horas em que permanecia acordado. Contudo, outro ser humano, que agiu de forma desumana, levou a sua vida. Mais uma vez alguém repetiu o crime de Caim, e um Deus justo agora é responsável por corrigir esse erro terrível. Como Ele fará isso?

Deus deve punir Caim e indenizar Abel. A conclusão dessa história, que descreve como Deus age nessas circunstâncias, ensina-nos bastante a respeito do conceito Divino de justiça e misericórdia.

A JUSTIÇA PARA CAIM

Até onde Caim sabe, Deus decreta: “Errante e fugitivo serás na Terra.” Por que esta é uma punição justa para um assassino? Como isto se relaciona com o conceito que apresentamos anteriormente, de que a punição de Deus segue o princípio de “medida por medida”? Será que a vida de Caim não deveria ser pedida em troca?

Uma explicação comum entre os comentaristas da Bíblia é que, quando você mata alguém, você torna essa pessoa desabrigada; o corpo servia como uma espécie de casa para a alma, e agora a alma está vagando sem o corpo. Portanto, é por isso que a punição de Caim corresponde ao princípio de “medida por medida” – ele deve vagar pela Terra sem um lar que possa chamar de seu, ou seja, equivalente à condenação que perpetrou ao seu irmão.

Outra explicação vê a sentença de Caim como uma espécie de exílio. Em outro trecho da Bíblia,²⁶ ficamos sabendo que, quando um israelita provoca

acidentalmente a morte de outro, ele é exilado da sua casa para uma cidade de refúgio, onde deverá passar por um processo de reabilitação espiritual. O assassinato de Abel por Caim poderia ser visto como não-intencional, porque ele não poderia sequer imaginar quão permanente seria o resultado das suas ações. Afinal de contas, ele era uma das primeiras pessoas sobre a Terra e não testemunhara as consequências de um ato como o seu. Caim não poderia conhecer por experiência própria que ele, ao ferir Abel, poderia terminar por lhe tirar a vida.

Mas há mais dados necessários para compreendermos essa história, porque a sentença de Deus para Caim envolve dois aspectos: primeiro, Caim deve vagar sobre a face da Terra; segundo, Deus lhe diz que, no fim, ele será assassinado por um de seus descendentes.

Por que uma sentença em duas fases? Porque Caim cometeu um crime em duas fases. Este foi, é claro, o assassinato do seu irmão. Mas também foi uma recusa em assumir a responsabilidade por suas ações. Quando Caim disse a Deus: "Sou eu o guardião do meu irmão?", ele se "divorciou" do seu irmão, como se Abel nada tivesse a ver com ele, como se fosse separado dele.

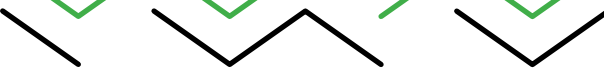
Uma parte da sua punição – vagar pelo mundo – tinha o objetivo de fazê-lo vivenciar o que significa estar sozinho, não pertencer a ninguém. E, é claro, a segunda parte da sua punição era que ele seria assassinado porque era um assassino.

Não importa o modo como você observa a situação, a sentença de Deus foi, de fato, de acordo com o princípio de "medida por medida", e o crime em duas fases recebeu uma punição em duas fases.

A JUSTIÇA PARA ABEL

Mas como Deus pode fazer justiça ao pobre Abel, que foi morto na flor da idade?

Aparentemente, Deus tem duas formas de solucionar o problema.



Primeiro, uma solução simples. Embora Abel, como todos nós, tivesse uma tarefa a cumprir aqui na Terra, ele não teve a oportunidade de realizá-la. Por ter sido uma vítima que, imerecidamente, sofreu nas mãos do seu irmão, ele deve ser imediatamente admitido no Céu. Abel ganha passe livre em virtude de lhe ter sido negada a chance de conquistar esse direito na Terra.

Segundo, a solução mais complicada, que aprendemos da tradição judaica mística, a Cabalá, é denominada *guilgul neshamot*, a transmigração de almas ou reencarnação.

A Cabalá ensina que todo aquele cuja vida foi tomada de um modo que não estava de acordo com o plano de Deus, qualquer um que deveria ter tido uma vida mais longa mas não teve, ainda tem direito aos seus anos de vida decretados Divinamente. Assim, o que acontece a Abel? Ele renasce; ele obtém uma nova chance.

Algum tempo depois, diz o *Zôhar*, a obra-prima do misticismo judaico, nasceu uma criança com a alma de Abel, embora tenha sido chamada por outro nome.

Isso teve que acontecer porque Abel não estava preparado para ser Abel. Por isso ele teve que receber outra oportunidade para cumprir a sua missão no mundo e, assim, conquistar o seu lugar no paraíso.

Como ilustração, a Cabalá identifica para nós inclusive algumas das transmigrações, explicando quais pessoas reconhecemos dos relatos bíblicos que se tornaram outras em vidas posteriores. Assim, a Cabalá nos conta que Abel retornou como Moisés. Caim também retornou uma segunda vez, como Aarão, o irmão de Moisés.

Nessa segunda vida ambos tiveram a chance de completar suas vidas incompletas. Abel, que não pode realizar plenamente o seu potencial sagrado e morreu em pureza, poderia agora liderar os israelitas para fora do exílio, receber os Dez Mandamentos no Monte Sinai e se tornar o homem que se encontrou com Deus "face a face". E Caim, que antes fora irônico, dizendo "Sou eu o guardião do meu irmão?", tornou-se exatamente isso: a fim de expiar o

seu crime anterior, tornou-se o guardião do seu irmão, acompanhando Moisés até o palácio do Faraó e servindo como seu porta-voz. A fim de cumprir um *ticun* completo – a correção do seu crime de ódio implacável –, Caim, o primeiro assassino, tornou-se Aarão, que viria a ser conhecido como “aquele que ama e persegue a paz”.²⁷

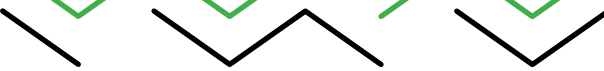
Portanto, a Cabalá nos conta que, em uma situação em que a morte é provocada por outro ser humano, e não por um decreto Divino, Deus Se compromete a corrigir ambos os erros: Ele tem que fazer alguma coisa por aquele que foi responsável pelo crime, e tem que fazer algo por aquele que foi a vítima. Isto é problema de Deus; Ele cuidará de resolvê-lo.

O que discutimos até agora foi um tipo de morte – a morte nas mãos de outra pessoa. E talvez, em nossa indagação para entender como Deus pode ser bom, justo e Todo-Poderoso e ainda assim permitir que pessoas boas morram, este seja o cenário mais simples para se solucionar a questão. Deus não é o responsável pelo que houve, mas Ele irá corrigir o erro. Mas, e se Deus for o responsável – como no caso em que uma pessoa morre prematuramente de causas naturais ou quando uma criança morre de alguma enfermidade? E então?

MISSÃO CUMPRIDA

O Talmud nos conta a seguinte história:²⁸ um estudante estava caminhando ao lado do seu rabino, e ele estava muito triste. Triste com Deus. Parece que um colega seu, um estudante de Torá brilhante, que mal passara dos 20 anos, ficou muito doente e morreu. Então, o estudante diz ao rabino: “Eu não posso entender isso. Ele era um bom homem. Não me diga que ele morreu prematuramente porque cometeu algum pecado grave. Eu não acredito que ele tenha feito isso. Então, por que Deus o levou com essa idade?”

O rabino, como que ignorando a sua questão, aponta ao longe, onde há um homem caminhando. “Veja que coisa terrível”, diz o rabino. “Olhe para aquele trabalhador com suas malas voltando para casa. É pouco mais de meio-dia e ele já está voltando para casa.” O estudante diz: “Eu não entendo. O



que há de terrível nisso? O homem terminou a sua tarefa e está voltando para casa.” Então o rabino diz ao estudante: “Que os seus próprios ouvidos ouçam o que a sua boca está dizendo. O homem terminou a sua tarefa e está voltando para casa!”

Aprendemos dessa história que a morte pode significar “missão cumprida”. Uma pessoa que cumpriu o seu propósito na vida – independente do que tenha sido; isso é entre ela e Deus –, pode voltar para casa agora. Por um lado, a morte é um fim, mas, por outro, como Sêneca disse de modo tão belo, “o dia que tememos como o nosso último é, na verdade, o aniversário da eternidade.”

Os Sábios desenvolvem extensamente essa ideia e nos oferecem muitas fontes bíblicas como prova dessa verdade.

É um princípio bem estabelecido do Talmud que toda pessoa vem para a Terra por uma razão especial. Não há duas impressões digitais iguais, tampouco duas pessoas semelhantes. Cada um de nós é diferente do resto do mundo inteiro – caso contrário, não precisaríamos ter sido criados. Os Sábios nos ensinam que cada indivíduo é único porque cada um de nós tem uma missão especial na vida. Se não fosse para nós existirmos – e esta é uma ideia complexa a se considerar –, o mundo não poderia existir. O destino do mundo teria sido diferente hoje em dia sem cada indivíduo que já viveu. Cada pessoa é uma parte essencial do tecido que Deus tece para alcançar Seus objetivos finais para a história da humanidade.

Alguns dos grandes rabinos do passado tentaram imaginar a missão deles em vida ao olharem para os seus talentos e concluírem que seus dons especiais deveriam servir como instrumentos para alcançar o que Deus queria deles. Eles passariam suas vidas desenvolvendo seus talentos singulares a fim de lhes permitir cumprir suas missões determinadas por Deus, de modo que, provavelmente na época das suas mortes, eles pudessem estar aptos a dizer: “missão cumprida”.

A VIDA INTERROMPIDA PREMATURAMENTE

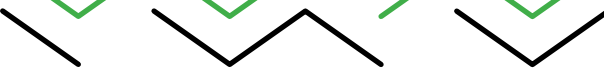
No entanto, está claro que algumas pessoas morreram antes do seu tempo – suas tarefas foram interrompidas e ficaram por terminar.

Aprendemos do Talmud²⁹ que Abraão morreu antes do tempo que lhe fora previsto; ele deveria ter vivido mais do que viveu. Abraão morreu quando Jacob e Esaú, seus netos gêmeos, alcançaram a idade de 13 anos. Que destino aparentemente cruel para a vida de uma figura tão santa, o patriarca da nossa fé! No mesmo instante em que cada um dos seus netos se tornou um *bar-mitsvá*, Abraão é levado deste mundo – lembre-se, antes do tempo que lhe fora determinado –, incapaz de acompanhar o progresso deles ou de desfrutar o *naches*, a satisfação espiritual, que eles lhe trariam na sua velhice! Que incompreensível, que decreto severo... a menos que, naturalmente, você esteja ciente do restante da história.

Depois que Esaú alcançou essa idade, ele se afastou completamente dos valores da sua família. Tornou-se um caçador, um matador não apenas de animais, mas das pessoas que roubou e das mulheres que estuprou. Como teria sido difícil para o seu avô testemunhar tudo isso! Imagine Abraão lamentando: “Por que eu tive que viver para ver isso?” De fato, ele não teve que viver tanto! Deus o poupou de ver que seu neto se tornara um homem cruel. Fazia um tempo que a vida para Abraão já não era mais uma bênção; então Deus, misericordiosamente, levou-o antes do seu tempo.

Eu não posso ajudar, mas posso refletir acerca dos judeus que morreram em 1939 na Europa Oriental. Não há dúvida de que os seus entes queridos lamentaram e tentaram imaginar por que esta ou aquela pessoa morreu antes do seu tempo. Somente ao olharmos em retrospecto é que podemos entender que os falecidos foram poupados de ver a aniquilação de suas famílias e comunidades. E talvez eles tenham sido poupados de uma forma diferente de morte, uma morte horrível, sem um pingote de dignidade.

É muito interessante notar que há um outro aspecto para essa linha de raciocínio. Nós aprendemos da Bíblia que houve outra pessoa que morreu prematuramente. Enoque, o pai de Noé, morreu bem antes de outros da sua



geração. Naquela época, a expectativa de vida ultrapassava os 900 anos, mas Enoque morreu quando tinha apenas a idade de 365. (Obviamente, não sabemos como eram contados aqueles anos quando avaliados à luz do nosso período médio de vida. Talvez, antes do Dilúvio, como sugerem alguns comentaristas, o ciclo solar na Terra fosse diferente e a contagem dos anos fosse outra que não a nossa. Talvez Deus estivesse relutante em aplicar a mortalidade, embora Adão e Eva já tivessem morrido no mundo. Talvez as pessoas tivessem que viver mais a fim de aumentar a população na Terra. Enfim, não sabemos.)

Não importa como entendamos isso, Enoque morreu muito mais jovem do que seus contemporâneos. A Bíblia nos conta: "E Enoque andou com Deus e desapareceu, porque Deus o tomou."³⁰ Perguntam os Sábios: O que isso significa? "Desapareceu" parece implicar uma partida repentina e inesperada. E por que nos dizer "porque Deus o tomou"? Não é esta a definição de morte para qualquer um, e não apenas para ele? Deus toma a todos nós quando Ele decreta a nossa morte!

Rashi (acrônimo do nome de Rabi Salomão bar Issac, do século 12), aceito universalmente como o principal comentarista bíblico, oferece a resposta. Enoque era uma pessoa boa, mas Deus sabia que ele poderia ser facilmente induzido a se voltar para maus caminhos. Deus temia pelo futuro de Enoque. Uma vida inteira de boa conduta estava ameaçada por aterradoras possibilidades que Deus percebeu que, em breve, seriam apresentadas a Enoque. É por isso que Deus rapidamente o levou. Ele viu o que ele fizera até então e afirmou a respeito desse homem: "Eu o pouparei do próximo desafio, que ele será incapaz de enfrentar." Então Deus o removeu antes do seu tempo para salvá-lo – não de *ver* o mal, como fora com Abraão, mas para salvá-lo de *ser* mal.

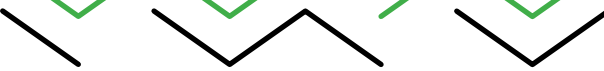
Eu conheço uma mulher cujo filho foi morto em um trágico acidente. Ele estava sempre metido em problemas com a lei e estava afastado da sua família por algum tempo. Sua mãe chorou a perda do seu filho, questionando a si mesma e a Deus. Como aquela morte poderia ter sido evitada? Por que Deus o levou antes de lhe dar uma chance para se reconciliar com a sua família? Entretanto, quando ela foi retirar os pertences do seu filho do apartamento dele, a sua culpa e seus questionamentos desapareceram imediatamente. A

casa do filho estava repleta de uma coleção de revólveres, bombas e armas. Dos escritos que ele deixou, ficou claro à mãe que ele estava planejando uma ação terrível que teria resultado na morte de muitas pessoas. Deus, em Sua misericórdia, levou-o deste mundo antes que ele pudesse completar o seu plano criminoso. Sua mãe agradeceu a Deus por poupá-la de um pesar muito maior que certamente ocorreria se ele ainda estivesse vivo.

O FIM DO SOFRIMENTO

Em quais outras instâncias a morte pode ser vista como uma bênção? Quando esta encerra uma enfermidade prolongada, acompanhada por um sofrimento terrível. Um pouco mais adiante daremos diversas explicações para o sofrimento e veremos como um Deus bom, justo e Todo-Poderoso pode permitir que pessoas boas sofram. Mas por ora consideraremos aquelas situações – com as quais todos nós estamos familiarizados – em que uma família respira aliviada quando uma pessoa idosa, vítima de câncer, finalmente encontra alívio na morte.

A respeito disso, o Talmud oferece uma história esclarecedora:³¹ Rabi Yehoshua, um homem muito santo, foi acometido por algo que ele considerou ser o mal da morte, e um dia ele rezou fervorosamente para que este mal fosse removido deste mundo. Em pouco tempo, em um sonho, suas preces foram atendidas. Ele se viu lutando com o anjo da morte e tornou-se vitorioso; venceu a batalha e retirou a espada do anjo. Então ele viu, em seu sonho, o que aconteceria em seguida. O anjo da morte tentava fazer o seu trabalho, mas, sem sua espada, tornara-se impotente. Ao ver isso, Rabi Yehoshua ficou muito feliz, quando, de repente, ouviu um gemido. Esse gemido foi se tornando cada vez mais intenso até que se tornou um choro que estremeceu as próprias fundações da Terra. O Talmud diz que Rabi Yehoshua perguntou a Deus: "O que foi aquele barulho?" Deus respondeu: "O som que você ouve é o mundo lamentando a falta que faz o anjo da morte. Você pensa que o anjo da morte é apenas o anjo da destruição; saiba que ele também é o anjo da misericórdia."



O Talmud explica que a morte leva o sofrimento ao fim. Desse ponto de vista, a morte é uma bênção, e a Terra seria muito pior sem ela.

MORTE E NASCIMENTO

O *Midrash* nos oferece um outro ponto de vista do que seria a vida sem a morte. Vejamos:

Shimon lamentava excessivamente por seu falecido amigo. Ele estava inconsolável em seu pesar. Certa noite, em uma visão, ele ouviu uma voz Divina lhe dizendo: "Shimon, por que você está tão pesaroso? A morte não é um incidente inevitável no ciclo da vida? Você pretende mudar o plano do universo e tornar o homem imortal?" Shimon reuniu coragem e respondeu: "Por que não, ó Eterno? Deus tudo pode! Por que deve haver um fim a vidas tão maravilhosas quanto a do meu amigo e outras como a dele?"

E a voz Divina respondeu: "Então você rejeita o serviço da morte para a economia da vida? Então muito bem. Iremos lhe colocar em um mundo onde a imortalidade prevalece e veja se você gosta dele."

De repente, Shimon encontrou-se observando um vasto campo; era uma vista de tirar o fôlego. Ele compreendeu que toda aquela grandiosidade diante dele duraria para sempre. Nada daquilo pereceria; tudo permaneceria como sempre fora: nenhuma flor morreria sobre a sua haste; nenhum botão cairia dos arbustos.

O verão passou e chegou o outono, mas nenhuma folha caiu, nenhuma árvore perdeu a sua folhagem. O mundo, em sua beleza, havia recebido uma espécie de condição permanente, e jamais saía do mesmo estado. Por fim, a vida parecia estar livre do desgaste do tempo e das circunstâncias, mas aos poucos Shimon sentiu que estava faltando algo. Nada morria nesse mundo, tampouco nascia algo. Ele havia sido poupado das crueldades do envelhecimento, mas perdera as maravilhosas novidades decorrentes da juventude. Seus olhos já estavam cansados da beleza das flores, que era sempre a mesma. Ele desejava muito testemunhar a glória de novas flores desabrochando. Shimon

estava pronto para renunciar à dádiva da imortalidade quando repentinamente acordou; ele estava sonhando.

Em seguida, refletiu por um tempo sobre a sua estranha experiência, e então disse: "Ó Eterno, eu Te agradeço por Tu teres criado seres mortais, de carne e osso. Alguém morreu para que eu pudesse nascer, e estou desejando morrer para que haja continuidade e surja uma nova vida no Teu mundo. Tu és o Juiz justo!"

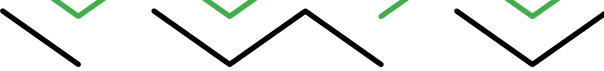
Após um funeral judaico, pede-se aos enlutados para que comam um ovo cozido, símbolo da vida, mas que também serve para recordar o ciclo da vida. Alguns morrem e alguns nascem, e para que possa haver nascimentos, nós precisamos ter mortes.

Esta pode ser uma razão suficiente para aceitarmos a morte. Um nível mais elevado de compreensão nos permite ir ainda mais longe. Em certo sentido, a morte também pode servir como um momento de celebração.

A CELEBRAÇÃO DA MORTE

Em outro *Midrash*,³² ouvimos falar de um filósofo que estava diante da orla marítima quando um novo navio estava partindo. Todos estavam muito excitados e felizes com a cerimônia de partida. À distância, outro navio se aproximava, voltando de uma longa e perigosa viagem. O filósofo disse: "Que gente tola. Vocês não estão fazendo o oposto do que deveriam estar fazendo? Aqui todos vocês estão excitados e felizes com esse novo navio, e não sabem o que acontecerá com ele; vocês não têm ideia do que ele vai ter que passar. Há outro navio que enfrentou as tempestades do mar. Ele está retornando carregado de tesouros; é um navio que já se mostrou bem-sucedido. É para ele que vocês deveriam voltar a sua atenção; era o seu retorno que vocês deveriam estar celebrando."

É por isso que nós não lembramos os aniversários no judaísmo, mas comemoramos *yahrzeits*, aniversários da morte dos nossos entes queridos. Este é um momento reservado para olhar para trás e, em retrospecto, lembrar o



que o falecido realizou. É nessas horas que podemos nos alegrar com o fato de nossos entes queridos terem chegado a um plano onde ele ou ela podem ser recompensados por suas conquistas.

A morte é uma viagem para outro destino. Conhecer mais sobre o que nos espera é remover o medo do desconhecido. No próximo capítulo iremos compartilhar a notável sabedoria do judaísmo sobre o que nos acontece depois que morremos.

CAPÍTULO 7

A VIDA APÓS A MORTE

Sim, existe vida após a morte.

Nenhuma discussão sobre a morte pode ousar ignorar uma das principais convicções judaicas que, hoje em dia, surpreendentemente, vem ganhando novos adeptos em virtude dos atuais avanços da medicina.

Nos últimos anos temos visto uma enxurrada de filmes populares baseados no tema de as almas sobreviverem após a morte: *Para Além do Horizonte* (*What Dreams May Come*), com Robin Williams; *Ghost*, com Whoopi Goldberg; *Voltar a Morrer* (*Dead Again*), com Kenneth Branagh e Emma Thompson; e, é claro, o imensamente bem-sucedido *O Sexto Sentido*, com Bruce Willis. E quem não se lembra da cena final de um dos filmes de maior bilheteria em todos os tempos, *Titanic*, quando a heroína, agonizante, é cumprimentada do outro lado por pessoas que morreram antes dela?

As últimas décadas têm visto a cultura popular abraçar uma ideia que, no passado, só encontrou aceitação nos círculos místicos e paranormais. Ninguém jamais poderia sonhar que livros como *Conversando com os Espíritos* (Editora Sextante) e *Em Busca da Espiritualidade* (idem), escritos na década de 1990, alcançariam o topo da lista de mais vendidos do *The New York Times*, ou que o

livro de Brian Weiss, *Muitas Vidas, Muitos Mestres* (idem), escrito na década de 1970, se tornaria um *best-seller* internacional traduzido para mais de 30 línguas.

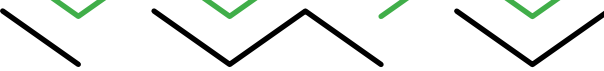
O que tem levado a essa obsessão contemporânea por uma ideia que antigamente estava reservada ao campo da religião? O que incitou o mundo secular a se tornar repentinamente tão receptivo ao conceito de uma alma imortal? Com quase toda certeza, a resposta repousa em uma incrível inovação médica dos anos 1970 que passou a ter um papel significativo nas vidas de milhares de pessoas.

Até então, a morte era um ilustre desconhecido. O *Hamlet* de William Shakespeare expressava uma verdade que parecia válida para todas as épocas: a morte, ele observava, é o “país não descoberto... de cujo destino nenhum viajante retorna.” Sem o benefício do testemunho pessoal de alguém que de fato completara a viagem, não havia modo de saber o que nos estava reservado após a morte. A ideia da vida eterna podia ser contrária à nossa convicção, mas certamente não podia contar com qualquer confirmação científica válida. A ideia de que uma alma consciente sobrevive após a morte tinha tanto apoio racional quanto as manifestações de um médium durante uma sessão espírita.

E então, graças a técnicas cada vez mais sofisticadas de ressuscitação, as pessoas morreram – e então voltaram para nos contar como era isso!

Com certeza, aqueles que retornaram obviamente não *morreram* no sentido absoluto do termo. Pessoas que realizaram uma inovadora pesquisa nesse campo, como os doutores Elisabeth Kubler-Ross e Raymond Moody, propuseram o nome EQM – “Experiência de Quase-Morte” – para descrever o fenômeno. Mas os sobreviventes da EQM foram, na realidade, bem mais longe do que apenas “quase” morrer. O que nos permite pensar neles como tendo estado mais próximos do “outro lado” do que daquilo que chamamos de vida é o fato de que estavam *cl clinicamente mortos*; seus cérebros não mostravam nenhum sinal de atividade; seus corações haviam deixado de bater, e não havia como registrar sensações, recordar visões e ouvir sons. Contudo, essas pessoas foram capazes de “recordar” o que aconteceu nos quartos onde seus corpos repousavam, de descrever quem veio e partiu depois que elas foram declaradas





mortas, e até mesmo repetir conversas que ocorreram na presença dos seus corpos “mortos” em detalhes precisos e acurados.

Com qual parte dos seus cérebros inativos elas se lembraram, e como possivelmente puderam ver e ouvir? Seus corpos físicos não eram mais capazes de executar essas tarefas. Não surpreende que quase todos os que passaram por uma experiência de quase-morte – independente de que antes fossem religiosos ou céticos radicais, agnósticos ou ateus – tenham alcançado uma crença inabalável em uma alma não-física que sobrevive à morte do corpo.

Os teólogos consideram uma ironia que, inadvertidamente, a profissão médica tenha obtido sucesso onde inúmeras gerações de líderes religiosos antes falharam. A medicina moderna nos deu, afinal, evidências para a existência da alma humana. A mesma tecnologia projetada para manter o corpo vivo a todo custo revelou que o corpo é secundário em relação a um sentido superior do indivíduo; seres humanos são mais do que corpos físicos. Nós temos aspectos de realidade não-físicos, invisíveis, que sobrevivem aos nossos “recipientes mortais”. Finalmente viemos a entender o que quase certamente é o que a Bíblia diz ao nos contar que somos criados “à imagem de Deus”.

O QUE ACONTECE APÓS A MORTE?

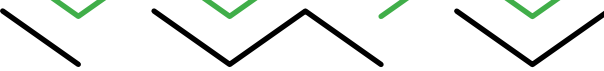
À medida que cada vez mais pessoas passaram a relatar suas experiências de quase-morte, a mídia passou a dar maior atenção ao assunto. Programas de televisão, artigos de revista e relatos em jornais deram a esse fenômeno uma ampla cobertura. Além de tornar o tema mais popular e digno de crédito, isso permitiu àqueles que haviam sido testemunhas pessoais de um caso sentirem-se mais confortáveis em relatar o que lhes havia acontecido. Muitos admitiram que o medo de serem ridicularizados fizera com que antes deixassem de compartilhar suas experiências com outros, embora considerassem suas viagens para o além e por vidas passadas as mais intensas, importantes e significativas de suas vidas.

Com a divulgação internacional após a publicação, no fim dos anos 1970, do livro de Raymond Moody *Vida Depois da Vida* (Editora Nórdica), celebridades como Elizabeth Taylor e Marie Osmond sentiram-se livres para falar sobre seus próprios encontros pessoais com a morte.

O aspecto provavelmente mais interessante das experiências de quase-morte é a semelhança quase universal entre elas. Sem qualquer referência a religião, raça, estado social, idade ou sistema de valores individuais envolvidos, quase todos – senão todos – aqueles que foram declarados clinicamente mortos passaram pelos seguintes estágios resumidos por Moody neste exemplo fictício:

Um homem está morrendo e, assim que ele alcança o ponto de maior aflição física, ouve o seu médico declará-lo morto. Ele começa a ouvir um barulho incômodo, um toque ou zumbido alto, e ao mesmo tempo se sente movendo-se rapidamente ao longo de um túnel comprido e escuro. Depois disso ele de repente se encontra fora do seu corpo físico, mas ainda em contato direto com o meio ambiente físico, quando vê o seu próprio corpo à distância, como um espectador. Ele assiste à tentativa de ressuscitação desde este ponto de vista privilegiado e incomum, em estado de transtorno emocional.

Depois de um tempo ele se recolhe e fica mais acostumado com a sua estranha condição. Ele percebe que ainda tem um corpo, mas de uma natureza muito diferente e com forças bem diversas das do corpo que deixou para trás. Logo, outras coisas começam a acontecer. Outros vêm ao seu encontro para ajudá-lo. Ele reconhece os espíritos de parentes e amigos que já morreram, e um espírito amoroso e caloroso de um tipo que ele jamais encontrara antes – um ser de luz – aparece diante dele. Este ser lhe pede, de maneira não-verbal, para que ele avalie sua vida, e o auxilia nesta tarefa ao lhe mostrar uma retrospectiva panorâmica instantânea dos principais eventos da sua vida. Em algum momento ele se vê alcançando alguma espécie de barreira ou fronteira, que aparentemente representa o limite entre a vida terrena e a vida vindoura. Contudo, ele considera que precisa retornar à Terra, que a hora da sua morte ainda não chegou. Neste ponto ele resiste, pois está



envolvido por sua experiência na vida vindoura e não quer retornar. Ele está tomado por sentimentos intensos de alegria, amor e paz. No entanto, apesar da sua atitude, ele de algum modo se recompõe com seu corpo físico e revive.

Mais adiante ele tenta contar aos outros, mas tem dificuldades em fazê-lo. Em primeiro lugar, não consegue encontrar palavras humanas adequadas para descrever estes episódios sobrenaturais. Ele também imagina que os outros irão zombar dele; então deixa de falar sobre isso com outras pessoas. Além disso, a experiência afeta profundamente a sua vida, especialmente seus pontos de vista sobre a morte e seu relacionamento com a vida.

Ninguém que passou por esta experiência, ao retornar à vida, sentiu novamente medo da morte.

A mente ocidental tem dificuldade em lidar com esses temas tão identificados com o espiritual. A ciência é rápida em rejeitar o que ela rotula como "evidência anedótica". Por muitos anos foi negada aceitação acadêmica aos pioneiros no campo da Experiência de Quase-Morte (EQM), como Moody, Kubler-Ross e uma série de outros, mas a riqueza de material acumulado nas pesquisas passou a reverter o processo, inclusive nas principais revistas acadêmicas.

O Dr. Melvin Morse, um pediatra de Seattle, fez um longo trabalho com crianças que sofreram ataques cardíacos e sobreviveram e concluiu, convincentemente, que suas experiências de quase-morte não foram induzidas por drogas, não foram causadas psicologicamente por medo nem condicionadas culturalmente.

Ele descreveu o caso de uma paciente de 9 anos de idade, Kate, que foi ressuscitada depois de se afogar. Ao retornar à vida, ela descreveu detalhes físicos do que ocorrera no hospital enquanto estava inconsciente. Ela contou como um guia a levou por um túnel onde ela conheceu o seu avô falecido. Foi quando um ser de luz apareceu e lhe perguntou se ela queria voltar para a sua mãe; ela respondeu afirmativamente, e a próxima coisa de que ela se deu conta foi que acordou na sua cama de hospital.

Kate acrescentou convictamente que, durante a sua EQM, ela viajou fora do corpo para a casa dela. Lá viu o seu irmão brincando com um boneco *G. I. Joe* em um jipe e sua irmã brincando com uma boneca *Barbie*. Ela descreveu as roupas que seus pais estavam usando, onde o seu pai estava sentado na sala de estar e o que a sua mãe estava cozinhando. Cada uma das suas observações foi confirmada.

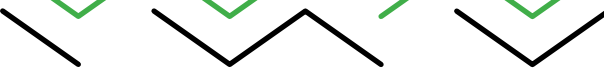
O *American Journal of Diseases of Children (Revista Americana de Patologias Infantis)*, uma prestigiosa e reconhecida publicação médica, publicou os resultados de Morse em 1986. Naturalmente, muitos médicos renomados expressaram suas reservas. A profissão médica ainda não está preparada para dizer "amém" para uma explicação da morte que se deve mais a Deus do que a Galeno. Mas é certamente digno de nota que a aceitação secular da ideia da alma fez mais progressos nas últimas décadas do que em todos os milênios anteriores.

A SOBREVIVÊNCIA APÓS A MORTE

O que torna a sobrevivência após a morte tão difícil de imaginar é a nossa incapacidade de vislumbrar qualquer tipo de existência tão diferente daquela que entendemos por vida. Nós nem sequer temos as palavras certas para falar sobre almas e o seu potencial para sentimentos, comunicação, consciência e movimento. É por isso que aqueles que duvidam consideram isso tão difícil de acreditar. Eles perguntam: Como podemos acreditar em algo que possivelmente ninguém é capaz de descrever?

A tradição judaica nos transmitiu, já desde há muito tempo, uma bela parábola para nos ajudar a lidar com a ideia de um mundo depois deste. Esta requer uma mente um tanto imaginativa, mas tem o poder de nos abrir para a possibilidade de outro campo de existência por meio da analogia com um ponto de vista da vida diferente em relação àqueles com os quais já estamos familiarizados.





Assim diz a parábola: tente imaginar irmãos gêmeos antes do nascimento descansando tranquilamente no útero da mãe deles. Suas bocas fechadas, alimentados sem esforço da parte deles por meio de um tubo que entra por seus umbigos; aquecidos pelos fluidos do saco embrionário, sentem-se completamente em paz e seguros. Eles possivelmente não podem conceber um modo de vida melhor, mais confortável ou diferente.

Se você quiser, permita agora que eles recebam o dom da consciência. Assuma que eles estão atentos ao seu meio ambiente e começam a levar em conta o seu futuro. Eles reconhecem as mudanças que ocorrem ao seu redor, sentem-se descendo e começam a debater o que irá lhes acontecer.

Cada um dos irmãos tem um ponto de vista diferente. Um é otimista por natureza, enquanto o outro é um pessimista. O primeiro é um que acredita; o segundo é um cético.

O que acredita tem certeza de que outra vida os espera depois que eles forem expelidos do seu lar atual. Ele fala com segurança: "Eu não posso acreditar que Deus nos colocou aqui durante nove meses, cuidou de nós, alimentou-nos, permitiu que crescêssemos e nos desenvolvêssemos sem qualquer propósito. Deve haver algum plano maior que ainda desconhecemos. Nossa presença aqui pode ter sido apenas uma preparação para uma vida mais gloriosa a seguir. É impossível pensar que tudo o que podemos esperar daqui em diante seja um total esquecimento."

Porém, o seu irmão é muito mais realista. Ele menospreza pensamentos tendenciosos e expectativas insuportáveis. Para ele, a fé – como diria Marx – não é mais do que o "ópio para as massas". Ele diz, desdenhando do seu irmão gêmeo: "Lá vem você confundir sua esperança com verdade. O fato óbvio é que tudo o que nos dá vida – o útero onde vivemos, o cordão pelo qual somos alimentados, a segurança do nosso saco embrionário – é só *aqui*. Uma vez que deixarmos este lugar, morreremos."

O irmão que acredita tenta novamente defender a sua crença. Ele sugere que, uma vez fora do útero, eles poderão inclusive se mover mais livremente. Ele fala sobre a possibilidade de outros modos de se obter comida. Ele compartilha o

seu sonho de um tipo de independência que vai além da imaginação deles, mas infelizmente não tem como expressar isso em palavras. Na falta de qualquer contato com a vida tal como esta é vivida na Terra, ele é brecado quando seu irmão põe abaixo suas visões como impossíveis e lhe pede para defendê-las com exemplos concretos.

Assim, os gêmeos se aproximam do seu predestinado encontro com o nascimento, separados por opiniões drasticamente diferentes sobre seus destinos. O que acredita confia que, mais do que sobreviver, estará ainda melhor fora do que antes. O cético espera o colapso do seu mundo e a vinda sombria do momento final.

De repente, estoura a bolsa de água dentro do útero. Há um empurrar-empurra. Os gêmeos percebem que estão sendo forçados a sair da casa deles. O momento traumático chegou. Aquele que acredita é o primeiro a deixar o útero. O seu irmão gêmeo, ainda ali dentro, escuta atentamente a qualquer pista do outro lado. Com o coração aflito, ele se dá conta de um choro penetrante vindo do seu irmão. *Então, afinal de contas, eu estava certo, ele diz. Eu acabei de ouvir o grito de morte do meu pobre irmão.* E naquele mesmo momento, uma mãe e um pai contentes estão se felicitando pelo nascimento do seu primeiro filho, que acabou de se fazer notar por seus choros de vida.

A parábola é profunda porque nos lembra que espécies diferentes de existência nunca podem ser precisamente descritas ou imaginadas antes que nos encontremos com elas. Se tivesse consciência, uma criança por nascer seria incapaz de imaginar a vida fora do útero. Do mesmo modo, nós aqui na Terra não podemos compreender o significado de um mundo de almas divorciado dos nossos corpos. Mas o fato de não sermos realmente capazes de imaginar isso não faz disto algo menos verdadeiro. Deixar o nosso corpo após a vida pode muito bem ser o nascimento da alma, assim como deixar o útero é o nascimento do corpo. Como dizem os sábios de muitas crenças, o mundo é um caminho de passagem para a alma em direção a um plano mais elevado. E a morte, na vívida metáfora de Elisabeth Kubler-Ross, está “quebrando o casulo e emergindo como uma borboleta”.



DESCREVENDO O INDESCRITÍVEL

As experiências de quase-morte mostraram-se extremamente úteis para pacientes terminais e suas famílias lidarem com o tema da morte. Muitas vezes, saber de alguém que passou por essa experiência ou inclusive ler a respeito proporciona uma mudança inspiradora no modo de ver a vida. O grande medo sempre associado à morte – o horror de enfrentar o desconhecido – torna-se fortemente mitigado pela fé em uma vida após a morte e no sentimento reconfortante de que, afinal de contas, morrer pode não ser uma experiência assim tão terrível.

As descrições daqueles que tiveram uma EQM nos forçam a revisar os fortes estereótipos negativos que sempre relacionamos à morte. Aqueles que retornaram do “outro lado” consideram impossível expressar em palavras a beleza do que vivenciaram. Tudo o que eles podem compartilhar conosco – como demonstra o seguinte exemplo de *Beyond the Light: Files of Near-Death Experiences (Além da Luz: Documentos de Experiências de Quase-Morte)*, de Marisa St. Clair – é uma pequena medida das alegrias que eles desfrutaram, muito além de qualquer felicidade imaginável nesta Terra:

Eu acredito que morri e fui para o céu, mas não era minha hora, e por isso fui enviado de volta. Não há palavras para fazer justiça ao que me aconteceu. Foi até 100 vezes mais excitante do que aguardar pelo Natal quando você é uma criancinha, mais divertido do que dirigir o carro mais veloz ou ter a melhor relação sexual.

Eu havia entrado em um mundo que teve uma espécie de sabor de êxtase. Todas as cores eram mais brilhantes do que qualquer coisa que você possa imaginar; todas as visões e sons pareciam estar engrenados de alguma forma. Era como estar mais de um milhão de vezes apaixonado. Eu conheci um ser que poderia ter sido Deus, e eu estava contente de estar ao redor dele, mas não era para ser assim.

Eu me lembro do meu coração vir à boca quando ele me falou que eu tinha que voltar. Eu implorei como nunca para me permitir ficar, mas de repente, com uma espécie de estalido bem alto, eu estava de volta ao meu corpo, sentindo-me muito mal. Fiquei em estado miserável por dias, porque voltara para este mundo pavoroso, pesado, cinzento e torpe, quando eu bem poderia estar morto.

A ideia de que "estar morto é aterrorizante" parece uma piada, não parece? Se eu tivesse uma chance agora mesmo, optaria pela morte em vez da vida, a qualquer momento.

Estas são as palavras de Joe, um homem inglês que teve uma experiência de quase-morte. Embora sua conclusão soe quase suicida, na verdade não deve ser vista assim. Juntamente com aqueles que compartilharam a sua experiência, ele percebeu que a decisão Divina de o enviar de volta significou que ele tinha a obrigação de cumprir uma missão ainda inacabada. Contudo, o que ele escolheu expressar foi a certeza da sua convicção recém-descoberta, de que o que lhe aguardava no fim dos seus dias deveria ser aguardado ansiosamente, em vez de temivelmente esperado.

O Dr. Melvin Morse escreve que a sua pesquisa o convenceu de que, ao morrer, nos tornamos "mais vivos, mais plenos e muito mais felizes". Ele está certo de que terá a chance, um dia, de ele mesmo verificar o que uma menininha lhe disse após uma experiência de quase-morte: "O céu é divertido, você verá!"

Espero que todos nós também sejamos capazes de chegar à mesma conclusão quando completarmos a nossa jornada final. Então todos os nossos problemas a respeito da "crueldade" de Deus por provocar a morte desaparecerão imediatamente diante da percepção de que, nas palavras do ator Robin Williams, "a morte é a maneira de a natureza dizer: 'O jantar está servido!'"





NOTAS

20. *Shabat* 55a. – 21. Ezequiel 18:20. – 22. Salmos 89:33. – 23. Números 20:12. – 24. Outras pessoas inocentes também morreram, mas pelas mãos de outras; todavia, somente estes quatro morreram pelas mãos de Deus, ainda que fossem inteiramente inocentes de pecado. – 25. Ezequiel 18:20. – 26. Números 35:9. – 27. Ética dos Pais 1:12. – 28. Talmud de Jerusalém, *Berachot* 2:8. – 29. *Baba Batra* 16b; *Midrash Rabá* 63:12. – 30. Gênesis 5:24. – 31. *Ketubot* 77b. – 32. *Midrash Cohélet Rabá* 7:4.

No próximo volume da série de e-books

Se Deus é Bom Por Que o Mundo é tão Ruim?

Capítulo 8: Quando Morre uma Criança

Capítulo 9: As Dádivas do Envelhecimento, da Dor e da Doença

Não perca!